

DEPOIMENTOS PROVOCATIVOS

Módulo I

Disciplina: Arte/educação versus e-arte/educação no contexto da cultura digital e não digital: Abordagem Triangular versus Sistema Triangular Digital

Carga horária: 40h

Fernanda Pereira da Cunha

Olá, o meu nome é Fernanda, Fernanda Pereira da Cunha, eu tenho Licenciatura em Artes pela FAAP Fundação Armando Álvares Penteado e especialização em ensino, arte e cultura pela Escola de Comunicações e Artes da USP. O Mestrado e o Doutorado em Artes pela Escola de Comunicações e Artes da USP com a concentração em arte-educação.

Nós vamos falar um pouco sobre a *Arte/educação versus a e-arte/educação no contexto da cultura digital e não digital: Abordagem Triangular versus o Sistema Triangular Digital*. Nós estaremos discutindo, trazendo alguns vieses investigativos questionadores sobre as diferenças paradigmáticas entre arte/educação e a e-arte/educação sobre os auspícios da cultura digital e não digital. Conceitos que convergem e divergem da Abordagem Triangular em relação ao Sistema Triangular Digital.

Para isso será importante nós discutirmos essencialmente a Abordagem Triangular. Por quê? Porque o Sistema Triangular Digital ele é uma derivação propositiva da Abordagem Triangular que é concebida e sistematizada pela professora Ana Mae Barbosa. A Abordagem Triangular que é uma abordagem de ensino para as artes, não é uma metodologia para as artes, para o ensino das artes como a professora Ana Mae Barbosa bem observa, apesar de que a Abordagem Triangular no seu primeiro nome ela foi modificando a

terminologia da Abordagem Triangular ao longo desses vinte e poucos anos que a abordagem tem na sua existência. Quando ela é batizada, conta Ana Mae pelos professores como metodologia, metodologia triangular, a professora Ana Mae Barbosa ela recebe, utiliza esse nome que os professores do ensino da rede básica acabam batizando.

Depois, num dos textos que a professora Ana Mae Barbosa, num dos livros que ela discute sobre a Abordagem Triangular lá, faz a correção do nome de metodologia, na época para proposta. E hoje ela utiliza como abordagem. Então, Metodologia Triangular passa para Proposta Triangular e hoje está como Abordagem Triangular. Mas essa correção que ela faz de metodologia para proposta e que se estende para Abordagem Triangular é um conceito que ela entende como equivocado, a metodologia triangular, porque metodologia triangular, o método quem concebe quem utiliza será o professor na construção da sua aula, do seu plano de ensino. Enquanto que a Abordagem Triangular, ela é uma forma, uma possibilidade conceitual de como o Professor de Artes poderá estar utilizando na sua metodologia em sala de aula. Então, a Abordagem Triangular sofre essa correção na terminologia pela professora Ana Mae Barbosa quando ela reconceitua essa organização da nomenclatura do nome de metodologia para abordagem. Porque metodologia será o método, a forma como o professor poderá estar utilizando os aspectos conceituais e propositivos da Abordagem Triangular dentro da sua intenção pedagógica.

A Abordagem Triangular está sistematizada em três eixos principais:

- Arte como expressão e cultura
- O desenvolvimento da consciência crítica
- Consumo Estético

A experiência significativa que a criança, o jovem, o educando poderão ter por meio dessas ações propositivas do ensino da arte por meio do eixo questionador. Que seja provocativo, indagativo, cuja indagação promova o movimento, a ação crítica, investigativa

A sistematização da arte triangular

da pessoa no seu processo de fruição de artes, no seu processo de pesquisa, da busca do eixo indagativo, da intenção, o intento pedagógico deve promover no educando.

Esses três eixos estarão calcados essencialmente em três conceitos. O que a professora Ana Mae Barbosa traz das Escolas ao ar livre, do Paulo Freire e de John Dewey. É bem verdade que esse processo da construção da Abordagem Triangular é um processo orgânico, é um processo histórico e político que está intimamente inter-relacionado com a história política, educativa e histórica da professora Ana Mae Barbosa no seu processo de construção das concepções que a professora Ana Mae Barbosa nos concede em seus livros, em seus escritos, em suas palestras, enfim, na sua trajetória formadora, formativa arte/educativa.

As Escolas ao ar livre, em 1920 quando ela surge no México como uma promoção, uma proposta do desenvolvimento, da redescoberta das relações autóctones da pessoa por meio da manifestação da expressão da arte com vistas ao processo de fortalecer a identidade cultural do México naquela época. É bem verdade que em 1920 nós estávamos aí numa fase, hoje que nós concebemos da arte/educação como arte/educação modernista. A arte/educação modernista está calcada na arte como expressão. Não havia uma preocupação no ensino da arte como a proposição dos aspectos, das relações, do desenvolvimento da consciência cultural, da identidade cultural. Por isso há uma singularidade nas Escolas ao ar livre quando ela tem como aspecto o desenvolvimento da expressão da cultura. A preocupação da expressão e da cultura nos processos da arte e o seu ensino.

As relações intrínsecas de Paulo Freire pelo desenvolvimento da consciência crítica da pessoa através do ensino. A professora Ana Mae Barbosa concebe através do desenvolvimento da consciência crítica, quer dizer o desenvolvimento da percepção cognitiva crítica, através da arte e o seu ensino.

E John Dewey é esse outro eixo essencial na Abordagem Triangular e com seus aspectos conceituais vêm ao encontro com a experiência significativa em que John Dewey traz como aspecto conceitual a consumação estética por meio de uma vivência que seja única, singular e que tenha um resultado completo pela singularidade da experiência vivida,

a abordagem triangular como um processo histórico-educativo.

Escolas ao ar livre mexicanas: redes cobertas de si, de sua cultura e costumes como formas de construir e fortalecer a identidade cultural.

Paulo Freire: o desenvolvimento da consciência crítica. John Dewey: a consumação estética por meio de uma vivência singular e única.

experienciada que culmine numa consciência, numa consumação estética, que tenha uma qualidade estética singular de um aprendizado pessoal real.

A Abordagem Triangular é concebida então por meio de três ações humanas, de três ações do pensamento humano, três ações da mente humana que vão convergir. Na leitura da obra de arte: no ler, no fazer e no contextualizar.

No meu Doutorado, em que a professora Ana Mae Barbosa estava como minha orientadora, fui oportunizada dentro da pesquisa científica em estar demarcando uma abordagem de ensino para o desenvolvimento da mente digital crítica, ou seja, a Abordagem Triangular está concebida para o desenvolvimento crítico por meio da leitura, da vivência, da consumação estética da imagem.

O Sistema Triangular Digital vem com a preocupação de uma abordagem de ensino e-arte/educativo, ou seja, arte/educação digital. O e é de eletrônico; arte/educação eletrônica digital. Então, por meio da vivência da arte e seu ensino no universo digital, no universo intermediático. Tem-se a preocupação pedagógica para o desenvolvimento da mente digital crítica desses jovens.

Dessa forma, ele estará calcado, o Sistema Triangular, nos mesmos aspectos, nos conceitos da Abordagem Triangular. Esses principais que eu menciono, que as Escolas ao ar livre, Paulo Freire e John Dewey. Com essa preocupação do desenvolvimento de uma vivência consumatória estética digital singular. Por uma experiência significativa que deve se promover, proporcionar como aspecto que ocorrerá pela promoção de ações indagativas, questionadoras, e que o estudante será colocado para que deste modo ele seja investigador de um processo, do seu próprio processo da ação educativa.

Então a Abordagem Triangular calcada em três ações mentais, na promoção de três ações mentais que é o fazer, está intimamente ligado com o que a própria terminologia diz. O fazer a arte que é intrínseco à própria relação da arte, ao fazer arte, o produzir arte. Para que ele tenha uma vivência estética intrínseca da área das artes.

Abordagem Triangular concebida por três ações da mente humana: ler, fazer, contextualizar.

A derivação do Sistema Triangular Digital vem da Abordagem de ensino triangular, cujo objeto de estudo é o sistema digital eletrônico.

Ler: interpretar uma obra de arte ou uma estética do campo das artes

O ler, o ler está relacionado com o que a professora Ana Mae Barbosa vai estar falando de ler, de interpretar uma obra de arte ou relações da estética do campo das artes. Essa leitura da imagem está intimamente ligada à interpretação da imagem ou do campo dos sentidos das artes, ela está intimamente ligada com uma vivência completa, significativa, de uma consumação estética vivencial em que, a pessoa, ao ler, ela vai ter as habilidades interativas de ver, julgar, interpretar enquanto o ato desta leitura, dessa relação de interpretação da obra de arte. Ler e interpretar são duas ações que estão intrinsecamente correlacionadas como nos adverte a professora Ana Mae Barbosa.

construção crítica: contextualizar, estabelecer relações com o universo, os signos e representações e me constroem enquanto crítico

O contextualizar está diretamente relacionado com o estabelecer relações. Então, observe que a contextualização está intimamente ligada com o estabelecer relações, esse estabelecer relações com a obra, em relação aos meus signos, ao que essa obra me representa, ao meu universo imagético, pessoal, aos valores que eu trago, a pessoa que eu sou, ao conteúdo que eu tenho. Há uma troca nesse processo de interpretação da obra de arte. Que troca? Das relações, dos signos, dos conteúdos que aquela imagem está me promovendo no meu ato de ler e interpretar a imagem com os meus signos, os meus valores, com a bagagem do universo que eu tenho que eu sou, que eu trago. Então há uma relação de troca, de interconexão contextual, de contextualizar o universo da imagem com o universo das minhas relações, das imagens, das minhas imagens internas que me constituem enquanto pessoa.

Nós podemos observar então que a Abordagem Triangular está concebida e sistematizada a partir da concepção de promover a ação concomitante do ler, interpretar e contextualizar. Do ler, ler/interpretar obra de arte, o fazer, e o contextualizar. Observe que essas três ações, a professora Ana Mae Barbosa nos adverte que devem acontecer concomitantemente. São três ações mentais. Essas ações isoladamente elas perdem a condição da promoção do desenvolvimento da mente crítica, do desenvolvimento cognitivo perceptivo através da arte e seu ensino se elas não forem ações que aconteçam concomitantemente.

Há um equívoco muito grande daqueles que colocam as ações da mente humana, essa ação de ler, de refletir, de contextualizar, essa troca contextualizada entre os universos, o que me constitui com o que a imagem me provoca e amplia a minha percepção, a minha reflexão e o meu campo dos sentidos no ato da leitura interpretação por qual a minha ação é de fazer, de expressar uma ideia que daquilo eu constituo, enquanto imagem sígnica, uma imagem daquilo, de um produto ideia que eu concebo e que eu expresso por meio da arte. Essas ações estando separadamente perdem a sua relação formativa no entendimento da professora Ana Mae Barbosa. Assim, não se constitui a proposição arte/educativa pela Abordagem Triangular.

Nós podemos perceber esse equívoco quando os educadores em uma formação um pouco mais frágil no entendimento da Abordagem Triangular colocam essas ações que são intrínsecas e mentais como atividades separadamente. A ação concebe um aspecto de sistêmico, quando eu estou pensando e concebendo a ideia sobre algo para a culminância de uma expressão dessa ideia, eu não tenho como dizer “agora eu contextualizei, neste momento eu estou lendo”, são ações que estão intrínsecas, relacionadas, estão interconectadas. A promoção do ato, ao promover no intento pedagógico o questionamento na ação pedagógica para o meu educando, eu estou colocando, eu posso estar colocando esse educando em um ato de reflexão, de produção, de culminância de um material, ideia que culminará no ato de uma expressão artística, por exemplo. Eu posso começar pelo ato da expressão artística que se culminará em um outro processo dentro da minha ação de ler, interpretar a imagem de um modo mais significativo, de uma leitura que eu possa ter feito dessa mesma imagem em um primeiro momento. Então, essas ações podem estar, eu posso começar pela leitura, eu posso começar pelo fazer, elas não estão, não há uma ordenação disciplinar, linear, uma após a outra. É uma ação concomitante do processo reflexivo da ação humana e que culmina numa expressão artística. Ou a expressão artística culminará numa promoção ainda mais significativa do meu processo de entendimento de construção da ideia que eu posso ressignificar daquilo por meio de uma vivência significativa, consumatória, intrínseca do meu ato de ensinar e aprender.

O fazer, o ler e contextualizar ocorre simultaneamente na abordagem triangular

O Sistema Triangular Digital, então, terá essas três ações intrínsecas da Abordagem Triangular no contexto da cultura digital. Dessa maneira, nós teremos o e-fazer, como o próprio nome expressa uma ação que pode ser vivenciada na execução empírica de uma produção artística intermediária, o e-fazer vem de *eletrônico*, o intermediária no viés das relações de *inputs* e *outputs* computacionais.

Ana Mae Barbosa nos coloca que o fazer é indispensável para o aprendizado da arte e para o desenvolvimento do pensamento da linguagem presentacional que difere do pensamento da linguagem discursiva por exemplo, e também do pensamento científico-lógico. Então, a expressão artística tem uma natureza intrínseca das artes, no caso o e-fazer tem uma natureza intrínseca com a arte computacional, com a arte digital.

O e-ler vem da prática da leitura da produção digital. Pela sua natureza, desloca-se a figura do leitor então para o intérprete. Porque o intérprete tem uma outra, o leitor está concebido como dentro dos conceitos, dos paradigmas da cultura não digital, da cultura tradicional. Na cultura digital entender e vivenciar uma obra de arte digital está intimamente ligada com o meu ato, o meu processo de interpretá-la digitalmente. Um exemplo é um game.

Um game/arte pode, ele é uma arte em potencial. A arte será concebida, estará em ação no processo, no momento do jogo. E quem é este jogador que coloca esse game/arte em situação de arte? É o intérprete. É aquele que joga o jogo. Então e-arte vem com o conceito de desenvolver as habilidades interativas de ver, julgar e interpretar enquanto participante intérprete crítico. É participante intérprete crítico neste viés, neste intérprete que é a pessoa que coloca o jogo em funcionamento, em ação. O intérprete está promovendo a ação, o processo intrínseco de vivenciar a obra de arte por meio do seu processo interativo no game/arte por exemplo. Então, ele entra como um participante intérprete crítico questionador e não meramente um ser passivo depositário de informações transmitidas. Essa leitura é uma leitura que requer, como já é concebida no ler da Abordagem Triangular a relação intrínseca de ler e interpretar dentro do contexto da cultura digital, do e-ler, do e-interpretar na consumação do vivenciar, do colocar a obra em potencial em estado de obra em ação. Nós também teremos, então, ao ler a imagem que vem no conceito, no aspecto de

e-fazer =
de execução
após intermi-
diária

e-ler =
interpretar e
vivenciar uma
obra de arte
digital.
exemplo =
game - jogo
jogo - análise
de jogo e interpre-
tação
participador
crítico

vivenciar. Ler a imagem é vivenciá-la. É consumá-la. É entendê-la. Assim, a professora Ana Mae Barbosa comenta, preparando-se para o entendimento das artes visuais, se prepara a criança para o entendimento da imagem, quer seja arte ou não.

O e-contextualizar vem no aspecto de ampliar os campos dos sentidos das obras digitais, estabelecendo comparações em diversos tempos e espaços, em relação ao próprio intérprete. O intérprete é quem está consumindo, quem está vivenciando, experienciando por meio do game, a obra. Então, é o mundo que o cerca no mundo, no universo digital. Então, o parâmetro norteador para estabelecer relações que podem potencializar a análise crítico-reflexiva do indivíduo é como a interdisciplinaridade no processo de ensino-aprendizagem.

Veja, a Ana Mae Barbosa nos coloca que a leitura dos campos de sentido da obra é o cerne de seu ensino neste início de século. E ela conclui, a história ganha importância com o contexto que dialoga com outros contextos na decodificação da obra. Então, nesse ato de contextualizar quem são os contextos e outros contextos. Como o contexto que eu trago na minha bagagem interna, na bagagem que me constitui enquanto ser, enquanto a identidade do que me promove ser o que eu sou, por meio dos universos, dos caminhos que eu realizo nas minhas escolhas no meu momento em que eu vivencio a obra digital, como exemplo o game digital. As escolhas, as rotas que eu faço trazem uma singularidade nos diferentes contextos que eu experiencio.

Uma leitura, uma simples navegação em diferentes sites por meio de uma intenção que eu tenho enquanto questão na busca desse processo navegativo eu posso escolher diferentes rotas. Essas diferentes rotas poderão ser diferentes universos que eu vou consumando no meu ato interativo de vivência na internet, por exemplo, e que vai, então, estar potencializando o processo de aprendizagem na minha análise crítica e reflexiva enquanto pessoa a leitura do campo de sentidos que eu tenho da arte dentro dos diferentes caminhos que eu escolho das diferentes rotas que eu posso estar experienciando, vivendo, escolhendo no caminho que eu vou cartografando no meu processo, na minha vivência através daquela indagação pela resposta que eu vou dando a uma pergunta.

O e-contextualizar
o "consumidor"
do espaço
digital pode
relativizar
as relações
reflexivas
com a inter-
disciplinaridade
exposta naquele
momento de
ensino-apren-
dizagem.

de universo digital

Então, a intersecção entre estas três ações mentais no Sistema Triangular Digital que é o e-fazer, o e-ler, o e-contextualizar por meio da linguagem digital é o conhecimento da arte digital, portanto, assim como na Abordagem Triangular isoladamente qualquer um dos elementos dessa tríade não corresponde a epistemologia da arte digital.

Agora nós precisamos, poderíamos pensar aqui um pouco o que é cultura digital?

Manuel Castells para explicar o que é a cultura digital, traz um exemplo muito interessante, no seu livro Sociedade em rede, quando coloca que, quando com a invenção do alfabeto estabelece-se a mente alfabética. E ele aborda que essa mente alfabética é um novo estado da mente humana. E se nós pensarmos, por exemplo, esse depoimento que eu faço aqui agora, oralmente, que é um processo de pensar e expressar por meio da minha fala. Se eu fosse colocar isso no papel, colocar então como expressão não oral, mas como expressão textual, portanto utilizando a minha mente alfabética certamente eu teria uma outra maneira de conceber essa expressão, o meu modo de pensar, de interagir com as palavras, de constituir uma peça expressiva textual. Eu tenho que parar para reorganizar essa fala num outro paradigma, num outro estado da minha mente, a minha mente textual. Nesse mesmo sentido, ele usa esse exemplo, desse novo estado da mente humana que se estabelece com a criação e a utilização da linguagem alfabética com a linguagem digital.

Se nós conversarmos ou nos atermos hoje com as relações da nossa consumação com a música, por exemplo, quando eu estou em sala de aula, eu conversando com os meus alunos, eu que ministro aula hoje para alunos de graduação de música, por exemplo, esses alunos têm uma vivência musical muito forte, os alunos mais jovens, muitas vezes, quando eles vão me contar sobre uma música eles se alicerçam em um clipe, eles não estão percebendo, mas muitas vezes para me contar aquela música, ele não canta a música, ele começa a descrever as imagens daquele clipe. Portanto, a música concebida pela cultura digital em que as pessoas consomem no sentido de que elas, nessa consumação estética deweyniana, em que há uma vivência em que eles experienciam aquela estética musical, eles leem, aquela música é mais imagética, o som é a imagem ou a imagem tem que som? Qual é o som daquela imagem ou que imagem tem aquele som?

Manuel Castells

Podemos conceber a ideia de "mente" digital

Por exemplo

um clipe musical = qual a imagem do som ou que imagem tem aquele som?

uma experiência que vivenciamos "aquela" estética musical

cultura digital → interconexão de som, imagem e texto = metalinguagem
mente digital
meio de expressão metalinguístico

Eu tenho notado pela cultura digital como nos adverte Castells, que concordando com Castells quando finaliza que a cultura digital é a interconexão de som imagem e texto. Veja o clipe, ele é mais imagem, ele é mais som, ele é mais texto? Porque essas três relações estão presentes e intrínsecas para a constituição de um produto artístico digital. Percebo também que ao me inferir exclusivamente a um aspecto musical do clipe o jovem, ele não se sente satisfeito, é perceptível como está incompleto o que ele quer dizer, expressar sobre aquele produto clipe. São relações que são ações, são produtos da cultura digital que denunciam a realidade de um novo estado da mente humana. Como nos adverte Castells, quando fala que a cultura digital pela inter-relação de som, imagem e texto estabelece um novo estado da mente humana que é a mente digital. Essa relação intrínseca de interconexão de som, imagem e texto, cujo meio de expressão vai chamar de metalinguagem. A metalinguagem é a interconexão de som, imagem e texto.

Fica aqui a questão enquanto aspectos intrínsecos da e-arte/educação, que a e-arte/educação lembrando o que nós falamos no começo desse depoimento que é a arte e o seu ensino no contexto da cultura digital, como nós podemos formar o fruidor de arte digital crítico? Para que os nossos alunos e alunas possam fazer as escolhas das suas rotas, das suas cartografias dentro da cultura digital com auto-governança, para que eles não sejam sugados pela cultura, pela indústria cultural massiva que impõe valores, signos, produtos que esses alunos consomem vorazmente e repetem esses produtos de modo acrítico. Resgatando os aspectos conceituais da Abordagem Triangular, que é intrínseca aos aspectos contextuais do Sistema Triangular Digital como já dissemos por ser uma derivação da proposta triangular que veem a arte como cultura expressão, o desenvolvimento da consciência crítica e a experiência consumatória para que ela seja uma vivência singular única que promova o conhecimento ou reconhecimento de um produto com auto-governança, através de uma leitura que está intimamente ligada a cada interpretação, cuja interpretação e leitura está acontecendo de modo contextualizado, contextual pelos diferentes universos que me compõem e que me recompõem que eu posso ressignificar. Então, como promover ações arte/educativas intermediárias por meio do Sistema Triangular Digital em que o jovem possa desenvolver a sua consciência crítica para reforçar a sua identidade pessoal, dentro de vivências significativas através das nossas ações pedagógicas que promovam esses

questionamentos e que coloque o jovem no universo, que recoloca o jovem no universo da cultura digital em que ele está imerso para que ele possa ressignificar valores autonomamente.

Não é censurar o que ele consome, não é ignorar o que ele consome, mas sim como nos apropriarmos do universo que ele tem para que possamos dar a ele subsídios para que ele ressignifique, faça as suas escolhas e faça seus recortes, para que ele tenha autonomia na sua cartografia dentro das relações que ele recorta interativamente no universo digital.

Agora, nós professores sabemos o que se consome, o que se tem na cultura digital? Utilizamos a cultura digital que os nossos jovens trazem dentro de sala de aula? Vejam, é muito interessante pensarmos em um dos aspectos riquíssimos que Manuel Castells traz para o conceito da cultura digital e que é um conceito tão empírico, tão material da cultura digital. Quando ele menciona que a cultura digital agrega todas as culturas: a cultura erudita, a cultura popular, todas as culturas estão inter-relacionadas, elas estão ali disponibilizadas e dispostas para as inter-relações, as interconexões, as in-contextualizações que poderão ser vivenciadas, reorganizadas, reinterpretadas por meio das trajetórias das rotas de navegabilidade que se constitui no ato da consumação estética da cultura digital.

Há que se entender, há que se questionar, há que se exercer enquanto educadores no universo da cultura digital o equívoco da sociedade da informação, porque compreendo que a sociedade da informação é uma sociedade muito pobre, porque ter a informação à disposição não é a plenitude do ato formador com o outro. A importância, como nós sempre observamos, nós precisamos promover ações em que os nossos alunos transformem informação em conhecimento.

Para conhecer aquela informação, ele precisa ter a capacidade de reconhecer o que aquilo é e que importância aquilo tem, qual é a relação que aquela informação se traz, se forma ou pode ser promovida pelo próprio educando no ato de conhecer, de reconhecer ou não, de descartar aquela informação para conhecimento ou não. Como ele vai, a ação pedagógica, que ações pedagógicas, como vamos utilizar o Sistema Triangular Digital sobre

os auspícios da Abordagem Triangular como ação que pode formar a auto-governança pelo conhecimento real e não a informação equivocada e muitas vezes repetida na automação da pessoa por um estado de consciência ingênua, intransitiva como nos adverte o Paulo Freire e não saber o que é aquilo, mas por consumir na automação da indústria cultural para que eu simplesmente esteja sendo aceita pelos meus colegas. Eu não sei o que é aquilo, mas eu sei que todos consomem então, portanto, consumirei também para ser aceito. Essa é uma situação muito presente na vida dos jovens, dos nossos alunos e nossas alunas e que no meu entendimento cabe uma ação ética educativa que possa promover o desenvolvimento dessa consciência da intransitividade, da transitividade ingênua como nos adverte o Paulo Freire pelo ato educativo para a promoção da consciência crítica para que os nossos jovens não sejam sugados como estão sendo pela cultura digital em que eles reproduzem automaticamente determinados parâmetros, paradigmas, eles reproduzem modelos, tornando-se o modelo daquilo que eles copiam sem saber o que são.

Fica aqui esse depoimento colocando como questão para você, aluno, que está aqui com nosso curso de especialização que, seja de qual área for, do ensino, da matemática, do português, das biológicas, enfim, como podemos utilizar a cultura digital que os nossos jovens, nossos alunos e alunas trazem à sala de aula que estão disponíveis na internet, na cibercultura, no bluetooth, enfim em todos, no WhatsApp, no Facebook, enfim, em todos os meios de comunicação interligados presentes na internet para que, como nós podemos nos apropriar enquanto educadores para relacionar, primeiro concebermos o que está lá como conteúdo e esse conteúdo como podemos promover ações questionadoras e indagativas para que os nossos alunos possam ressignificá-las desde o seu universo digital, por meio do Sistema Triangular Digital.

Como você professor, como você professora faria uma intervenção e-arte/educativa através da sua formação, da sua área, para que você territorialize o território de conhecimento que você quer colocar em questão, ou seja, em formação, relacionando com os territórios que estão disponíveis na internet por meio de ações que você coloque estes jovens enquanto pesquisadores, investigadores, para processo, no processo, com o processo, através do processo da formação pessoal. Sendo que o professor sai de uma posição de

P/ Paulo
Freire - o
ato educativo
promove a
consciência
crítica - ele
pode formar
a "auto-gover-
nança" pela
construção
real de pessoas
em to ao crítico e
autônomo.

A importância
do
Sistema
Triangular
Digital

transmissor de informações e vai estar colaborando, coordenando esse processo pessoal que o aluno irá percorrer. Como professor, como professora você promoveria essa ação? Como você registraria para essa disciplina, para nos mostrar esse processo, para nos demonstrar esse processo no seu ato pedagógico criador, no seu ato pedagógico formador. Na formação humana dos seus alunos, das suas alunas, para que se tornem mais críticos, mais autogovernativos do universo em que eles estão inseridos na cultura digital.

Eu fiz algumas entrevistas com alguns alunos da UFG na biblioteca onde eu estava. Vou deixar essas entrevistas para que vocês assistam e que vocês, por meio dessas entrevistas, cada um de vocês, professores e professoras, possam então refletir assim como eu refleti em que universos os nossos alunos estão, como utilizar a cultura digital como meio intermediador no processo da aprendizagem da arte e seu ensino em promoção de territórios que se inter-territorializam nas diferentes áreas de conhecimento do ensino.

Muito obrigada, espero que esse conteúdo reflexivo, indagativo que eu promovi possa trazer relações indagativas, questionadoras e desafiadoras para vocês como para mim são todos os dias. Obrigada e até mais.